



CONCEPÇÕES DE DISCURSO NA ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA

Eliane Marquez da Fonseca Fernandes – elianemarquez@uol.com.br
Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiânia, Goiás, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-6476-0389>

RESUMO: Este artigo discute como se dá a concepção de discurso na disciplina Análise do Discurso Ecológica. O objetivo principal é cotejar os pressupostos da teoria sociológica do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, Medvedev e Volochínov) em suas noções de interação, dialogismo, ideologia do cotidiano e discurso. Esses conceitos na perspectiva sociológica consideram os enunciados das comunicações humana como marcados pelos valores axiológicos do contexto sócio-histórico. No discurso, estudado pela Análise do Discurso Ecológica, a interação promove conexão entre os meios ambientes Natural, Social e Mental em consonância entre si para gerar sentidos. O paralelo permite observar como a perspectiva ecológica também vibra dinamicamente, promovendo conexões de sentidos. As bases teóricas são as teorias sociológicas dos pensadores russos do Círculo de Bakhtin em comparação com os pressupostos da Linguística Ecológica, usando artigos de Couto & Couto (2015). A pesquisa é qualitativa e traz uma discussão teórica de viés bibliográfico. Consideramos que as duas teorias estão marcadas por um dinamismo constante e que a perspectiva ecológica já existia em tamanho menor na teoria sociológica.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; teoria sociológica; ecolinguística; dinamismo.

PALAVRAS INICIAIS

Em dezembro de 2019, na Faculdade de Letras da UFG, em Goiânia, realiza-se o IV *ENCONTRO BRASILEIRO DE IMAGINÁRIO E ECOLINGUÍSTICA* (EBIME) para apresentar discussões acerca das concepções da Ecolinguística e da Antropologia do imaginário (G. Durand). Neste momento, aproveitamos a oportunidade, para trazer ao debate um tópico específico da Análise do Discurso Ecológica, a concepção de discurso.

Retomamos conceitos já divulgados da *Ecolinguística* e da *Análise do Discurso Ecológica* (ADE) em Couto & Couto (2015) e tentamos estabelecer conexões importantes com os pressupostos dialógicos do Círculo de Bakhtin. Procuramos expor como o direcionamento teórico que esse grupo de pesquisadores russos – Bakhtin, Volochínov, Medvedev - traz, no início do século XX, e já carrega aspectos que serão adotados pela Ecolinguística. É um conjunto de concepções embasadoras sobre a geração dos sentidos como: interação, enunciado e dialogismo que podem contribuir para compreender melhor as relações ecolinguísticas quando trabalhamos com as noções de discurso.

Nós, há milênios, nos preocupamos com as formas de comunicação e tentamos entender o que é a língua e como ela funciona entre os humanos. Muitos aspectos foram estudados na Índia, na Grécia,

em Roma com preocupação acerca da correção no bem falar e bem escrever. No decorrer da Idade Média e da Idade Moderna, os estudos da língua, salvo algumas exceções, centraram-se nos aspectos formais das estruturas gramaticais. A partir da revolução francesa (1789), na Idade Contemporânea, o veio gramatical como forma de correção continuou a ser estudado e, ao final do século XIX, surgiram preocupações com aspectos históricos das línguas, quando se buscava entender como se constituíram no decorrer dos tempos. Esses estudos acerca da língua, trouxeram outras inquietações sobre como os nossos dizeres estabelecem relações entre os humanos.

Convencionou-se dizer que Saussure é o fundador dos estudos da língua como ciência, com a publicação de *Curso de Linguística Geral* (1916) e entendeu-se que os estudos linguísticos envolviam, então, aspectos estruturais da língua em preocupação com o viés formal da Fonologia, da Morfologia, da Sintaxe e da Semântica. Quando Saussure estabelece a dicotomia *Língua/Fala* e *Significante/Significado*, traz uma abertura para se discutir a relação da língua com o falante e como ela produz sentidos na comunicação humana. E esse é o nosso ponto de partida: a língua gera mais que significados previstos, ela estabelece sentidos não previstos também. Assim, ao lado de uma ciência linguística preocupada com os aspectos formais, fervilham novas perspectivas de investigação voltadas para a busca da compreensão de como o uso a língua gera sentidos e nos toca e nos constitui como seres humanos. Como a língua está integrada nas inter-relações entre seres humanos em cada meio ambiente em que vivemos? Como podemos estudá-la como um ser palpitante de vida e valores em dinamismo ecológico?

Este artigo divide-se em duas partes: a primeira, com uma explanação acerca da teoria sociológica do Círculo de Bakhtin e outra parte de cotejamento com a Linguística Ecológica mostrando pontos em comum e abrangência.

ESTUDOS SOCIOLÓGICOS DO CÍRCULO DE BAKHTIN

As pesquisas da Ecolinguística estão ligadas a uma percepção dinâmica das relações entre o ser humano e a língua que usa no meio ambiente em que vive. Para compreendermos melhor a concepção de interação e discurso na Análise do Discurso Ecológica, vamos traçar essas concepções como apareceram no Círculo de Bakhtin.

Há cem anos, na Rússia, um grupo de jovens pesquisadores da filosofia da linguagem debatia animadamente como a língua poderia gerar mais que significados dicionariáveis das palavras. Para Bakhtin, Volochinov, Medvedev, entre 1920 e 1930, a língua não era só uma estrutura formal a ser descrita, mas estava envolvida na produção de sentidos ou significações específicas dentro de uma situação, ou melhor, dentro de um contexto sócio-histórico. Entendiam que os dizeres estão muito ligados ao momento específico da comunicação e ao contexto a que nos integramos. Não basta observar

a significação prevista das palavras, pois na ação de dizer os enunciados recebem muitas contribuições paralelas que interferem nos sentidos. Além das palavras ditas, muitos aspectos podem complementar significativamente o que se diz, há sentidos outros conforme a ênfase empregada, as entonações, o gestual, enfim, há possibilidade, inclusive, de significações não previstas pelos enunciadores em determinado momento (VOLOSHÍNOV, 2017).

Na Rússia do início do século XX, dois grandes pensadores – Vigotski e Bakhtin - concluem que a *interação humana* é muito importante. A *interação* é compreendida como a inter-relação que se estabelece entre dois ou mais entes; ela ocorre quando a ação de um ser provoca a reação de outro. Essa é uma forma de correlação comunicativa de bidirecionalidade (um e outro) ou pluridirecionalidade (um falante para outros). A interação congrega todas as possibilidades comunicativas entre dois seres humanos, e para isso envolve gestos corporais, mímica facial e olhares, além de enunciados com suas inflexões e entonações. A interação não pode ser entendida como uma foto estática, mas como uma correlação dinâmica em que as presenças por si só já estabelecem uma inter-relação (BAKHTIN, 2003).

A interação, nessa conexão entre enunciadores, usa o conhecimento que temos do mundo e dos outros seres humanos. No campo da psicologia, Vigotski (2009) valoriza a interação para aprofundar suas pesquisas sobre a aprendizagem humana e a vê como um processo que se modifica continuamente. No campo da linguagem, o Círculo de Bakhtin toma o conceito de interação numa perspectiva mais sociológica da comunicação humana. Para esse grupo de pesquisadores, a interação humana é complexa porque, ao gerar sentidos no processo comunicativo, a língua não tem uma concepção estática, mas dinâmica e fluida. A língua vai sendo moldada e produz sentidos diferentes conforme o momento social e histórico em que se enuncia (BAKHTIN, M., 2003).

Nós, falantes, empregamos a da língua com uma ampla plasticidade para gerar sentidos diferentes, ela não é rígida e molda-se de acordo com os valores sociais e históricos de quem enuncia. Se os sentidos não estão dados rigidamente, cabe ao ser humano saber manejá-la e interpretá-la em conexão com toda a situação social e os momentos históricos em que vive. Aqui temos um outro conceito importante do Círculo de Bakhtin (2003) e Volochínov (2017), o diálogo, também conhecido como dialogismo. O termo grego *diálogo* refere-se à troca de falas dentro da peça teatral. Bakhtin toma essa concepção de movimento entre enunciados e a amplia muito. Para esse autor, o diálogo é mais que uma troca de dizeres, é um conjunto de conexões diversas. Daí a noção de diálogo ser tão ampla e rica, pois, numa percepção bakhtiniana, pode ocorrer entre dois ou mais enunciadores, mas pode, também, ser percebido como um vínculo de sentidos entre o que se diz agora e o que se disse anteriormente. O diálogo pode ocorrer entre textos e também aponta para uma dinâmica que interliga valores sociais ou valores discursivos aos enunciados. Para explicitar vejamos a tira de quadrinhos de Gonsales (2011).

Figura 1 – Niquel náusea (Gonsales)



Fonte: Gonsales (2011)

Nos dois quadros da tira uma sereia ouve a conversa de duas ostras e faz um comentário sobre a ingenuidade feminina. Uma ostra em fala indireta na primeira cena confessa que “parece durão por fora”, mas é um “molenga por dentro”. Em uma interpretação literal, tomando os significados de “durão” e “molenga”, podemos dizer que, do ponto de vista explícito, está coerente com a realidade, pois a ostra é composta de parte externa feita de concha dura e parte interna composta de uma água gelatinosa cheia de proteína. Essa interpretação está ligada apenas a uma percepção do significado mais simples dos termos.

Vejamos os aspectos dialógicos em relação à tira da sereia acima. Temos dialogismo na troca de enunciados entre as duas ostras e no enunciado da sereia para o leitor dos quadrinhos. Além disso, os enunciados da tira estão ligados a dizeres anteriores e posteriores de nossa sociedade num dialogismo que também aparece na conexão entre os valores acerca da sensibilidade masculina e, ainda, entre a ingenuidade e a desconfiança feminina. Portanto, o conceito de dialogismo não pode ser simplificado, assim como a ideia de interação como inter-relação humana não pode ser entendida apenas como contato pessoal.

O texto tira de quadrinhos constrói uma situação que permite fazer uma interpretação mais complexa, pois observa os sentidos dentro de um contexto. Em primeiro lugar, nesse mundo fantástico, as ostras e a sereia podem falar a nossa língua. Além disso, o cenário criado pelo autor constrói uma situação típica de comunicação humana entre homem e mulher. Nesse ponto, entramos no campo do imaginário em que animais podem falar e, como nas fábulas, criam contextos de crítica ao comportamento humano. Em nossa sociedade, os homens são educados para parecerem frios e impassíveis diante dos problemas da vida, em contraposição, as mulheres são consideradas sensíveis e frágeis emocionalmente.

A tira mostra como os valores são instáveis e dialogam entre si, pois o macho revela uma contradição tipicamente humana de ser “durão” e insensível na aparência. Em resposta, a ostra fêmea, aceita o argumento e afirma “você é tão meigo...”, num gesto de concordância. No entanto essa imagem

de “durão” é entendida por algumas mulheres (como a sereia) apenas como uma aparência enganadora, no enunciado “tem ostra que ainda cai nessa conversa”, há aí uma desconfiança acerca da imagem de fragilidade masculina. A mobilidade dos sentidos é percebida quando o macho da ostra se diz “molenga” por dentro, quer dizer que é um ser masculino sensível, mas a sereia insere um enunciado que destrói a verdade da fala masculina. Verificamos uma valorização depreciativa da aparência que o mundo masculino quer mostrar para destacar seu modo de ser, para ser aceito e valorizado pelo mundo feminino. Temos no enredo da tira um jogo ambíguo de três posicionamentos diferentes acerca da sensibilidade masculina: a ostra macho se afirma “molenga” por dentro, isto é, plena de ternura interior e não visível; numa segunda percepção a ostra fêmea aceita essa versão e crê na meiguice masculina. Mas, no enunciado da sereia, temos uma séria desconfiança acerca da sensibilidade masculina, bem como da ingenuidade feminina que aceita tal “verdade”, pois, para ela a meiguice masculina é fingida. Na linguagem, os sentidos não estão estabelecidos e os valores são voláteis.

Na tira, vamos perceber que as palavras “durão” e “molenga” podem ser interpretadas de forma diferente. No aspecto literal, temos a significação em que a ostra é dura por fora e mole por dentro. Observamos que a compreensão do texto não para aqui porque há fluidez de sentidos quando os enunciados dialogam com o mundo dos relacionamentos humanos. Para o Círculo de Bakhtin, a complexidade dos diálogos ocorre ao gerar sentidos novos e chega a contradizer significações básicas. Os sentidos não estão dados previamente, mas são construídos dentro do contexto em que ocorrem os enunciados.

Vamos compreender que os *significados* são dados antecipadamente e estão ligados às palavras em si, mas os *sentidos* são gerados no momento da enunciação, na ação de dizer, na fricção de um contexto social e histórico com as relações humanas. Uma das ideias implícitas na tira de quadrinhos é: os homens são seres insensíveis, mas, em determinados momentos, se dizem sensíveis. Assim, há mulheres que acreditam e outras que desconfiam dessa verdade. Desse modo, consideramos que o contexto, ou o mundo extralinguístico têm mobilidade e contribuem para a construção dos sentidos.

Se os estudos iniciais da língua se prendiam às palavras e frases como um produto material formal, com o Círculo de Bakhtin, vamos verificar que há um salto para fora dos enunciados, quer dizer, é preciso estar atento à interação humana, ao que acontece nas relações entre os seres humanos, dentro dos contextos em que se enuncia. Essa concepção já era discutida no início do século XX; buscava-se compreender como as relações humanas interferem no sentido do que dizemos. Se os sentidos não estão dados antecipadamente, é porque os nossos dizeres estão carregados dos valores ou ideologias com as quais convivemos.

Durante nossa existência, estamos em constante contato social e vamos absorvendo valores os mais diversos; desse modo, os valores sobre o que é correto e o que é errado, justo/ injusto, adequado/

inadequado vão aparecer em nossos enunciados. Na tira os valores de sensibilidade e insensibilidade dialogam no enredo da cena. A esses valores que aparecem em nossa fala a todo instante, o Círculo de Bakhtin denomina ideologia. Normalmente, o termo ideologia é compreendido em muitas perspectivas e, na filosofia marxista, significa valores políticos de esquerda ou de direita, em que há exploradores e explorados, mas o Círculo amplia a abrangência dessa noção. Na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* de 1929, Volochínov apresenta o conceito de *ideologia do cotidiano*. Entendemos que não se descarta a possibilidade de um viés político de esquerda ou direita, mas alarga-se a abrangência do termo e passamos a observar que ideologia do cotidiano é essa que está em nosso dia a dia nas coisas mais simples. Temos valores que não estão embebidos na vertente política. Por exemplo, é muito bom tomar um café quentinho, ou, é desagradável ouvir alguém falando alto demais. Para Bakhtin tudo isso é ideológico e é dinâmico como os conceitos de interação ou de dialogismo. Podemos mudar de ideia e adotar ideologias do cotidiano diferentes das que tínhamos antes. Para o grupo de discussão russo essas ideologias que aparecem nos nossos enunciados, também podem ser denominadas discurso.

Essa explanação sobre os conceitos sociológicos de interação, dialogismo, ideologia e discurso têm o objetivo de marcar bem que esses conceitos são percebidos pelo Círculo de Bakhtin como dinâmicos e por isso, os sentidos do que enunciamos não estão estabelecidos com fixidez. Esse é o ponto principal de conexão ou diálogo que se estabelece com a Ecolinguística.

DIÁLOGO COM A ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA

O conceito de ecologia vem desde a Grécia antiga e carrega no seu bojo a ideia de interligação entre os seres vivos em um *habitat*. Segundo Fill (2015), Haugen traz o conceito para a “ecologia da Língua” a fim de compreender como a língua falada por imigrantes era afetada pela cultura de uma comunidade. Haugen explica que a interação dos falantes recebe um conjunto de influências psicológicas e sociológicas. Em Couto (2009) essa percepção se amplia ao nos informar que a perspectiva inter-relacional é uma característica primordial da vertente ecológica da linguística. Esse pesquisador brasileiro aponta a interação como as relações da língua com “meio ambiente natural”, “meio social” e “capacidade mental” dos falantes.

Podemos afirmar que, no embrião do conceito de ecologia, está implícita a ideia de interação como *conexão* de seres com seu meio ambiente. Se considerarmos que “meio ambiente” entrelaça forças exercidas pelo *contexto natural* e pelo *contexto sociocultural* sobre sujeitos que usam a língua, observamos que se mantém a noção de dialogismo bakhtiniano como troca interativa. Desse modo, quando os estudos ecolinguísticos conferem importância para as relações de interação há uma proximidade com os conceitos do Círculo de Bakhtin. A diferença maior é que, no caso da interação, a Ecolinguística alarga o sentido,

pois Volochínov (2017) nos explicita acerca da interação social, mas as análises ecolinguísticas abrangem um campo maior, porque percebem interações no aspecto sociocultural e envolvem o meio ambiente natural de modo que os seres humanos trabalham essas interações em seu meio ambiente mental. Podemos dizer que há um dialogismo entre os meios ambientes natural, sociocultural e mental no momento em que os seres humanos se apropriam da língua para se comunicarem.

Dessa maneira, a ecolinguística abrange uma ampla gama de possibilidades de inter-relações, envolvendo diversos sistemas do universo da linguística, da cultura, do meio ambiente em complexa troca de forças dinâmicas nos movimentos enunciativos do ser humano. Por isso passou a ser denominada Linguística Ecolinguística, que se propõe a estudar as conexões possíveis dos meios ambientes natural, sociocultural e mental num entrelaçamento constante e mutável.

A multidisciplinaridade já estava presente nas discussões do Círculo quando interligava na língua as relações entre sujeito e meio ambiente social. Essa multidisciplinaridade também aparece, na Linguística Ecolinguística, de forma abrangente, ao estabelecer conexão da língua à visão de mundo dos sujeitos que enunciam em meio ambiente natural e sociocultural. Assim o dialogismo, como forma de inter-relação dinâmica, permeia tanto as concepções sociológicas, como a percepção ecológica dos estudos linguísticos.

Fill (2015), em seu artigo publicado no n. 1 da revista *ECO-REBEL*, nos esclarece que, segundo Haugen, a língua carrega em si a diversidade linguística e cultural e que a língua “incorpora uma visão de mundo”. Queremos nos ater a essa expressão “visão de mundo” (FILL, 2015, p. 18), porque percebemos aqui uma aproximação à noção de discurso bakhtiniano. Para o Círculo de Bakhtin, o discurso incorpora valores socioculturais, ou dizendo de outro modo, o discurso carrega em si as ideologias do cotidiano que não deixam de ser modos de ver o mundo de cada sujeito.

H. Couto (2015) explica que as interações entre enunciadore não são estanques, pois estão em constante movimento, de modo que

[c]ada membro da comunidade (de P) pode ter uma experiência diferente em suas relações com mundo, portanto, cada palavra sua pode ter conotações pessoais, familiares, grupais etc. De qualquer forma, elas têm um núcleo comum, garantido pelo compartilhamento social. Aliás, o que mantém a comunidade unida como tal é justamente esse compartilhamento. A parte específica da experiência de cada indivíduo pode ser negociada durante os atos de interação comunicativa (H. COUTO, 2015, p. 68).

Nessa citação podemos observar que o pesquisador considera a possibilidade de cada sujeito colocar em seus enunciados as “conotações pessoais, familiares, grupais”; essa percepção aproxima-se daquilo que Volochínov denomina “ideologia do cotidiano” e circula dentro dos dizeres no uso da língua.

Cada sujeito filia-se às ideologias do cotidiano que prefere, mas também mantém um compartilhamento de valores que levam a negociações de sentido daquilo que diz. De algum modo podemos indicar aqui um diálogo entre a concepção de discurso na teoria sociológica de Bakhtin e na teoria da Linguística Ecológica, embora com denominações diferenciadas.

Quando a pesquisadora da Universidade Federal de Goiás, Elza Couto, decide tomar um ramo específico da Linguística Ecológica, volta seu olhar para os estudos relacionados aos sentidos gerados na interlocução humana. Dá início às pesquisas sobre o discurso na disciplina denominada *Análise do Discurso Ecológica* (ADE). O objetivo não é fazer estudos de um discurso ecológico, mas uma análise ecológica dos discursos.

Observamos que essa percepção ecológica quer marcar a abrangência alargada. Não se pretende só analisar os enunciados para perceber as relações sociológicas ao modo bakhtiniano, mas vai além, com o objetivo de verificar como ocorre a dinâmica entre as relações biológicas, ambientais, socioculturais, históricas, psicológicas, emocionais, sensíveis e imaginárias de tudo que se diz. Por isso, afirma que a ADE

focaliza o próprio processo de produção de texto/discurso, a interação comunicativa (juntamente com a respectiva ecologia da interação comunicativa), que tem um começo, mas cujo término fica em aberto, em consonância com a categoria da abertura ou porosidade da ecologia. (H. COUTO; E. COUTO, 2015, p. 86).

O que se destaca no excerto acima é exatamente a abertura para uma análise dinâmica/ecológica da interação comunicativa que está aberta para focalizar as nuances possíveis dos sentidos nos discursos. Mas não para na perspectiva sociolinguística e na ideologia do cotidiano, pois abarca outros vieses que possam surgir no encadeamento dos sentidos interpenetrados no meio ambiente natural, sociocultural e mental. O que permeia os estudos discursivos é a percepção de um constante movimento dos discursos em diálogo gerando sentidos em tudo que é dito pelo ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão deste artigo centra-se na compreensão de alguns conceitos como: interação, dialogismo, ideologia e discurso. Tomamos esses conceitos junto aos pesquisadores do Círculo de Bakhtin, na década de 1920, e os cotejamos aos pressupostos da Ecolinguística e da Análise do Discurso Ecológica, para observar aproximações e abrangências.

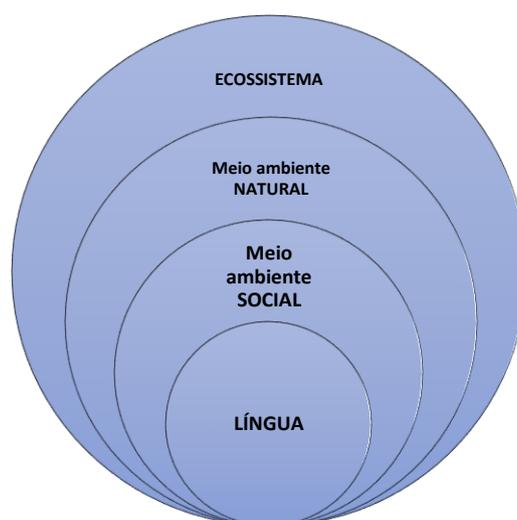
O Círculo de Bakhtin, há um século, defende que o ser humano usa a língua para interagir socialmente e que as significações previstas são uma forma redutora de compreender a língua. A cada interação o sujeito cria sentidos conforme o contexto sócio-histórico em que enuncia. Os sentidos

gerados são fruto da interação dinâmica e, portanto, não estão previstos na língua, mas são construídos no momento da enunciação em que ocorre a interação. Nessa circunstância, ocorre uma dinâmica em que dialogam não só os sujeitos enunciadores, mas também se inter-relacionam os próprios enunciados com os ditos anteriores ou posteriores, e os valores axiológicos que se cruzam. Esse movimento constante é exatamente o aspecto renovador, pois a língua era estudada apenas como uma produção linear.

A Linguística Ecológica, que vem se delineando nas décadas finais do século XX e início do século XXI, liga-se ao pressuposto ecológico de que os seres interagem constantemente e promovem uma interinfluência entre si no meio ambiente. Quando enfocamos a Linguística Ecológica, observamos a presença de uma interação dinâmica e que o meio ambiente pode ser observado em três perspectivas com o meio ambiente natural, o meio ambiente social e o meio ambiente mental. Um ramo dessa Ecolinguística é a Análise do Discurso Ecológica que busca compreender os sentidos gerados pelos seres humanos quando usa a língua na fricção com os meios ambientes natural, social e mental.

Notamos que o ponto de aproximação entre os conceitos sociológicos do Círculo bakhtiniano e a Análise do Discurso Ecológica é a percepção da língua como palpitante e viva dentro de uma dinâmica de geração de sentidos. A perspectiva sociológica foi ampliada na análise ecológica e ganhou uma dimensão mais ampla. Na figura abaixo, tentamos mostrar como a língua que era estudada apenas dentro de sua constituição, passa a envolver as relações com o meio ambiente social, que por sua vez é atravessado pelas interferências do meio ambiente natural num todo ecolinguístico dinâmico.

Figura 2 – Intercomunicação entre os meios ambientes num movimento que promove contribuições e restrições



Fonte: elaborado pela autora

A figura mostra um conjunto de círculos inseridos uns dentro de outros, mas gostaríamos que se imaginasse a intercomunicação entre os meios ambientes num movimento que promove contribuições e restrições. Talvez se cada círculo movesse em rotação em torno de si e em translação em torno do ecossistema, poderíamos ter uma impressão mais efetiva de que a fala humana sai de dentro do meio ambiente mental sob a forma de fala que mostra em si marcas da incrível colaboração dos demais meios ambientes social e natural, numa pulsação de vida.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad: P. Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- COUTO, Hildo Honório do. Linguística Ecológica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 01, n. 01, p. 47-81, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9978/8810>: Acesso em: 2 mar. 2020.
- COUTO, Hildo Honório do; COUTO, Elza Kioko N. do. Por uma Análise do Discurso Ecológica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 01, n. 01, p. 82-104, 2015. Disponível em < <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9978/8810>> acesso em 2 de março de 2020.
- FILL, Alwin F. Ecolinguística: a história de uma ideia verde para o estudo da linguagem. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 01, n. 01, p. 07-21, 2015. Disponível em < <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9978/8810>> acesso em 2 de março de 2020.
- GONSALES, Fernando. *Níquel náusea*. 2011. Disponível em https://www.google.com/search?q=gonsales+sereia&client=firefox-b-d&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2abUKEwig173a1fnnAbU7H7kGHYAjBmMQ_AUoAXoECAsQAw&biw=1354&bih=626#imgrc=K4T4. Acesso em 28 de fevereiro de 2020.
- VIGOTSKI, Lev. S. *A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- VOLOCHÍNOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad: S. Grillo e E. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017).

Title

The idea of discourse in Ecological Discourse Analysis.

Abstract

This article discusses the idea of discourse in Ecological Discourse Analysis. Its main objective is to compare the tenets of the sociological theory of Bakhtin's Circle (Bakhtin, Medvedev, Volochínov) with its concepts of interaction, dialogism, ideology of daily life and discourse. These concepts imply that the utterances produced in human communication contain the axiological values of sociohistorical context. According to Ecosystemic Discourse Analysis, there is interaction among the Natural, the Social and the Mental environments in order to produce meanings. This shows that the ecological perspective also dynamically vibrates in this production of meaning. The theoretical bases are, therefore, the sociological theories of the Russian Bakhtin Circle as compared to the tenets of Ecosystemic Linguistics (Couto & Couto, 2015). It is a qualitative and bibliographical research. We think that the two theories are heavily marked by a constant dynamism as well as that the ecological perspective was already present in the sociological theory, albeit to a lesser degree.

Keywords

Discourse; Sociological theory; Ecolinguistics; dynamism.

Recebido em: 03/03/2020.

Aceito em: 31/03/2020.